

Resiliência informacional de mulheres brasileiras imigrantes em Portugal: práticas informacionais colaborativas frente à Covid-19

Informational resilience of Brazilian immigrant women in Portugal: collaborative informational practices in the face of Covid-19

Geysianne Felipe do Nascimento   

Fellipe Sá Brasileiro   

Resumo

A partir de uma correlação entre as temáticas Migração, Práticas Informacionais, Desinformação e Resiliência Informacional nas redes sociais digitais, este artigo tem como objetivo analisar como as estratégias adotadas por um grupo de mulheres brasileiras imigrantes em Portugal contribuíram para a superação das barreiras informacionais, o enfrentamento à desinformação e a construção da resiliência informacional no contexto da Covid-19. Decorre de uma pesquisa qualitativa a partir da análise temática das práticas informacionais gerenciadas por um grupo de mulheres migrantes que, enfrentando o contexto de distanciamento social ocasionado pela pandemia, organizaram uma rede solidária na plataforma WhatsApp vinculada ao coletivo “Plataforma Geni”. Como resultados, constata-se que o estado de incerteza informacional experienciado nas situações de ruptura com a normalidade, decorrentes do COVID-19, em conjunto com as desinformações percebidas e barreiras informacionais nas redes sociais digitais, deslocam os indivíduos para novas conectividades na busca por soluções colaborativas. Esse movimento é capaz de construir novas competências informacionais diante do contexto de risco e de transição informacional, construindo perspectivas de letramento informacional e coesão social negociada de modo emergente e colaborativo.

Palavras-chave: desinformação; resiliência informacional; migração; redes sociais digitais; Covid-19.

Abstract

Based on a correlation between the themes of Migration, Informational Practices, Misinformation and Informational Resilience in digital social networks, this article aims to analyze how the strategies adopted by a group of Brazilian immigrant women in Portugal contributed to overcoming informational barriers, facing disinformation and building information resilience in the context of Covid-19. It stems from a qualitative research based on the thematic analysis of informational practices managed by a group of migrant women who, facing the context of social distancing caused by the pandemic, organized a solidarity network on the *WhatsApp* platform linked to the collective “Plataforma Geni”. As a result, it finds that the state of informational uncertainty experienced in situations of rupture with normality, resulting from COVID-19, together with the perceived



folha de rosto

Revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação

Juazeiro do Norte, v. 8, n. 1, p. 9-36, jan./abr. 2022. ISSN 2447-0120. DOI [10.46902/2022n1p9-36](https://doi.org/10.46902/2022n1p9-36).

misinformation and informational barriers in digital social networks, move individuals to new connectivity in the search for collaborative solutions. This movement is capable of building new informational competences in the context of risk and informational transition, building perspectives of information literacy and social cohesion negotiated in an emergent and collaborative way.

Keywords: misinformation; informational resilience; migration; digital social networks; Covid-19.

1 Introdução

O contexto pandêmico no qual o mundo se encontra desde o surgimento da COVID-19 vem expondo as populações a rotinas de insegurança e instabilidade prolongada, que tensionam as relações e práticas sociais. Tal cenário, somado ao contexto de virtualização da realidade ocasionado pelo uso massivo das tecnologias digitais – potencializado, sobretudo, após a experiência de confinamento coletivo no auge da pandemia em 2020 –, acelerou ainda mais os efeitos colaterais provenientes da desordem informacional no ambiente digital (WARDLE; DERAKHSHAN, 2017).

O excesso de especulações e informações equivocadas, além de recomendações sem bases científicas sólidas, a despeito dos esforços contínuos da ciência e da Organização das Nações Unidas (ONU), dificultaram os processos de orientação das pessoas, resultando em experiências de incerteza e desinformação. Nesse contexto, naturalmente, as incertezas sobre as informações compartilhadas levam as pessoas ao envolvimento com narrativas atraentes que, como discute Lewandowsky *et al.* (2012), ajudam a administrar a complexidade inerente às grandes quantidades de informação.

Neste universo complexo e de incerteza informacional (BRASILEIRO, 2019), as práticas informacionais imprimem e reproduzem significados sobre a realidade circundante em determinado contexto, a partir do filtro social em que cada pessoa e/ou grupos estão inseridos. Compreender os mecanismos de difusão social da informação (KARLOVA; FISHER, 2013) e as diversas configurações que podem assumir as práticas informacionais em um cenário de crise como o da COVID-19, portanto, é de suma importância para o vislumbre do desenvolvimento de tecnologias sociais que contribuam proficuamente com o momento de transição informacional contemporâneo.

No intuito de compreendermos empiricamente tal problemática, neste artigo, analisamos as práticas informacionais colaborativas de mulheres brasileiras imigrantes em Portugal, que, ao vivenciarem a primeira fase da pandemia da COVID-19, desenvolveram estratégias informacionais a partir de uma rede

solidária articulada na plataforma *WhatsApp*¹, espaço e lugar de uma série de práticas informacionais emergentes orientadas à resiliência informacional (LLOYD, 2014; BRASILEIRO, 2017). No presente estudo, a resiliência informacional se configura como o conceito analítico adotado à compreensão do processo responsivo e transformador agenciado pelas praticantes frente aos desafios informacionais. No plano conceitual, lançamos mão de uma correlação envolvendo resiliência informacional, infodemia (OPAS, 2020; ARAÚJO, 2021), desinformação percebida (RUOKOLAINEN; WIDÉN, 2019), e barreiras à informação (BRASILEIRO; ALMEIDA, 2021). A investigação empírica conta com trechos de depoimentos coletados junto às mulheres que compõem a rede solidária e que empreenderam tais estratégias no período de março a maio de 2020².

2 A rede solidária da Plataforma Geni

Em tempos normais, a Plataforma Geni reúne mulheres brasileiras imigrantes em Portugal que se utilizam das mídias sociais para organizar movimentos de enfrentamento aos estigmas de gênero relacionados à condição de migração latina em território estrangeiro. Deflagrada a pandemia e o confinamento forçado, o grupo “Rede Solidária”, através do aplicativo de mensagens *WhatsApp*, foi criado no intuito de aglutinar mulheres imigrantes em situação de desinformação e vulnerabilidade social frente às incertezas emergentes e suas consequências nos seguintes níveis: saúde mental; suporte logístico/alimentar; orientação acerca de direitos sociais e trabalhistas das imigrantes.

O coletivo, que da pandemia já atuava prestando um serviço de informação para mulheres imigrantes em Portugal, através de reuniões presenciais, *website* e perfis nas mídias sociais, rapidamente, tornou-se uma referência para as atividades de busca de informações das mulheres imigrantes, o que resultou em uma quantidade expressiva de pedidos de ajuda. Com efeito, o estado de incerteza informacional e a experiência desinformada intensificou a desorientação, gerando instabilidades emocionais – que impactaram diretamente as experiências de busca por informação dessas mulheres.

¹ WhatsApp é um aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz para smartphones. Criado em 2006, nele os usuários e usuárias podem enviar mensagens de texto, vídeos e documentos em PDF, além de chamada de ligação através da conexão com a internet

² As entrevistas coletadas fazem parte da dissertação de mestrado “Resiliência informacional e desinformação no contexto do Covid - 19: práticas informacionais colaborativas de mulheres imigrantes brasileiras nas redes sociais digitais”, defendida no Programa de Pós Graduação em Comunicação (PPGC/UFPB), em Julho de 2021.

Catalisadas através de um formulário no *Google Forms*, as mulheres que precisavam de ajuda foram conectadas às que podiam ajudar gerando *feedbacks* positivos e ressonância em grupo, que resultaram em estratégias informacionais organizadas e cristalizadas, isto é, em práticas informacionais colaborativas orientadas ao combate à desinformação percebida. Posteriormente, o "Relatório de confinamento - Rede solidária Covid-19" publicado pelo grupo (COSTA; SCHIFF; VIEIRA, 2021) apresentou que a maior concentração de mulheres envolvidas em atendimentos e voluntariado se concentrou na região de Lisboa, seguida de Porto, Aveiro e Braga, totalizando uma conexão coletiva de 232 mulheres. Na próxima seção abordaremos a rede conceitual adotada no estudo que clarifica os desafios informacionais enfrentados.

3 Infodemia e desinformação no contexto da Covid-19: desinformação percebida: desinformação percebida

Em contextos de crise, como o da Covid-19, a experiência diáspórica de transição informacional acentua-se à medida que novos cenários de informação são desenhados diariamente, a exemplo das atualizações das medidas restritivas, boletins epidemiológicos e a proliferação de conteúdos especulativos sobre curas, soluções e culpados. A infodemia ocasionada pelo excesso de informações circuladas na *web* (OPAS, 2020) se configura como fenômeno preocupante no espectro das demais desinformações já experienciadas pela comunidade. Em se tratando de grupos socialmente vulneráveis, como pessoas imigrantes e/ou refugiadas, que já convivem em seus deslocamentos com diversos tipos de barreiras informacionais, tal cenário tem reflexos significativos nas práticas informacionais destes indivíduos na medida em que comprometem a vinculação com os entendimentos oficiais e científicos. Neste contexto, acreditamos que a infodemia incorpora a desinformação na prática informacional, compondo uma realidade desinformada, uma vez que, conforme Tuominen *et al* (2005 *apud* DUARTE, 2017), a realidade é produzida e organizada a partir das interações sociais.

Assim, faz-se necessário o empreendimento de estudos que olhem para a desinformação a partir de uma perspectiva que considere a multidimensionalidade do fenômeno. Em outras palavras, é necessário compreender a influência dos aspectos sociais, culturais e históricos na compreensão da informação e no que percebemos como verdadeiro (KARLOVA; FISHER, 2013). Estudar questões que tratam da verdade e dos entendimentos de verdade pressupõe levar em consideração as múltiplas dimensões.

Para analisar as práticas informacionais e investigá-las empiricamente em relação à desinformação (*misinformation*), sobretudo em grupos de pessoas em situação de vulnerabilidade, Ruokolainen e Widén (2019) desenvolveram os conceitos desinformação normativa (*normative misinformation*) e desinformação percebida (*perceived misinformation*). Tais conceitos consistem numa tentativa de responder ao dilema da desinformação e da verdade nas pesquisas situadas no nível da experiência. Podem ser vistos, então, como categorias que facilitam a observação da desinformação sem a necessidade de julgamento sobre o que seria objetivamente preciso ou impreciso.

Segundo as autoras, pensar a desinformação percebida se faz necessário para dar voz aos receptores da informação e entender suas visões e valores em paralelo com o contexto social no qual estes sujeitos estão inseridos, uma vez que este orienta a compreensão das informações. Na pesquisa empírica, a desinformação percebida pode ser comparada à desinformação normativa para fins de compreensão das tensões. No sentido da análise do caráter informativo de uma desinformação, as autoras ponderam que o entendimento de informação e desinformação normativa não diminui a percepção dos indivíduos que partilham de visões não normativas (ou desnormativas), pois as visões normativas, neste modelo, não são vistas como verdades absolutas, mas sim como interpretações da realidade que passa a ser dominante em um determinado contexto.

Ao buscarem pesquisar as práticas (des) informativas em grupos vulneráveis, Ruokolainen e Widén (2019) escolhem não negligenciar a diversidade de informação na vida das pessoas. Desta forma, as autoras consideram que tal atitude possibilita conhecer a abrangência dos vários aspectos da informação, incluindo, assim, a desinformação, uma vez que todo tipo de informação é essencialmente informação, e o contexto é quem mudará o sentido percebido. Tomando certos cuidados quanto ao risco de relativização da desinformação, segundo o referido modelo, e considerando que as teleologias das ações de desinformação têm agência nas desinformações percebidas ou normativas, resolvemos adotar tal perspectiva neste estudo em virtude de possibilitar a compreensão da experiência da desinformação em um contexto hiper descolado da normatividade.

3.1 Barreiras à informação

As experiências de busca, acesso e uso da informação por parte das pessoas e grupos podem ser traduzidas como práticas informacionais situadas num contexto. Segundo Araújo (1998, p. 48), neste âmbito, as práticas informacionais empreendidas pelos sujeitos estão sujeitas ao surgimento de barreiras informacionais, que “reduzem a eficiência do processo de transferência de informação e, conseqüentemente, reduzem o uso e a efetividade da informação”. Em se tratando de questões relacionadas à saúde e ao bem-estar das pessoas, por exemplo, tais barreiras requerem uma preocupação singular ao serem investigadas na medida em que acarretam “sentimentos de ansiedade, medo, desânimo, entre outros, que interferem nas capacidades individuais de tomar decisões, estabelecer consenso, selecionar e se apropriar de fontes de informação relevantes, bem como na disposição para enfrentar uma situação adversa” (BRASILEIRO, 2019, p. 13).

O atual ambiente infodêmico no qual estamos inseridos suscita novas questões que vêm sendo debatidas entre pesquisadores e pesquisadoras da área de Ciência da Informação. Um exemplo interessante é o estudo de Araújo (2021) que, ao relacionar as práticas informacionais com o contexto de infodemia, descreve algumas patologias informacionais³ decorrentes das relações entre os sujeitos e as informações acessadas. Na mesma direção, Brasileiro (2020) descreve algumas barreiras informacionais decorrentes das relações entre os sujeitos e o ambiente digital no contexto de transição que, juntas e entrelaçadas, resultam numa experiência desenformada denominada de estado de incerteza informacional. Nesse sentido, empiricamente, podemos observar o estado de incerteza informacional vivenciado na pandemia a partir das barreiras à informação enfrentadas pelos sujeitos durante suas práticas informacionais situadas.

No contexto desta pesquisa, as mulheres imigrantes – frente às situações que impõem desafios informacionais relacionados à COVID 19 – experimentam algumas dessas barreiras informacionais. Tais barreiras emergentes são experimentadas em conjunto com outras barreiras relacionadas ao contexto prévio no qual essas mulheres se situam como imigrantes, a exemplo das inseguranças relacionadas à aceitação de sua identidade cultural no país de

³ Araújo (2021) define “patologias informacionais” como consequência maléfica da desordem informacional ocasionada pela infodemia nas sociabilidades humanas, e englobam fenômenos como desinformação; pós verdade; sobrecarga informacional e infobesidade.

acolhida, ou inseguranças relacionadas aos estigmas de gênero. O encontro com essas barreiras prévias concorre com os objetivos voltados à obtenção de informações relevantes para a orientação e construção de sentimentos de confiança que contribuem para a tomada de decisões com vistas à superação das dificuldades. Neste sentido, as barreiras informacionais tendem a ser diluídas através do empreendimento coletivo de práticas assentado em objetivos informacionais profícuos.

4 Construindo estratégias informacionais colaborativas: práticas informacionais no contexto de migração

A abordagem das práticas informacionais se configura como adequadas ao se analisar tal fenômeno pois, segundo Tuominen *et al.* (2005 apud DUARTE, 2017), “pressupõe que os processos de busca e uso da informação são constituídos social e dialogicamente, em vez de basear-se nas ideias e motivos de atores individuais. Todas as práticas humanas são sociais e originam-se das interações entre os membros da comunidade”. Tal entendimento encontra ressonância no trabalho de Lloyd (2010) quando observa que as práticas informacionais, incluindo o letramento informacional são forjadas na ideia de prática como o elemento central da vida social, reivindicando o conhecimento como algo a ser constituído a partir de um local, situação e relações, representando o trabalho coletivo, corporificado e informado de pessoas.

Contextualizando o âmbito da vida cotidiana das pessoas migrantes, ressalta-se que estas têm suas trajetórias de vida necessariamente atreladas à (re) organização no entorno da informação, pois, conforme Brinkerhoof (2009 apud ESCUDERO, 2016), uma vez em território não familiar, existe a mobilização destas pessoas em torno de uma identidade diaspórica quando imersas nas tendências sociais predominantes de uma cultura, o que pode confrontar as disposições normativas prévias, ou seja, o modo de vida habitual destas pessoas. Em casos mais drásticos, esta mudança de paisagem informacional (LLOYD, 2014) pode até mesmo ocasionar episódios de intimidação e violência. De tal modo, já é parte do cotidiano da comunidade migrante a partilha de informações entre seus pares, como forma de sobrevivência.

O cenário de virtualização da realidade ocasionado pela pandemia acentuou o processo que já vinha ocorrendo nos movimentos de migração, relacionados com a condição conectada das populações em situação de diáspora, a partir das tecnologias de informação e comunicação (TIC's). Conforme Pereira (2019, p. 2):

[...] o uso intensivo dos dispositivos e das tecnologias digitais nos processos migratórios propiciou diversas mudanças, sobretudo, no planejamento, no deslocamento, na manutenção dos laços sociais no país de origem, bem como na reconstrução de vínculos e espaços de sociabilidade no país de inserção (PEREIRA, 2019, p. 2).

Ou seja, sob uma perspectiva positiva, a utilização das TIC's no percurso de migração contribui para a autonomia e ampliação das redes de contatos da comunidade. Por outro lado, a dificuldade ou ausência de competências digitais nestes grupos os segregam de informações importantes e oportunidades, acarretando dificuldades na jornada, que podem influenciar diretamente o acesso aos serviços essenciais e de saúde, comprometendo o bem-estar físico, social e emocional das pessoas migrantes.

Observando a relação entre informação e migração, Ruokolainen e Widén (2019) desenvolveram um trabalho investigando como a realidade particular dos indivíduos somados às influências do meio social no qual estão inseridos influenciam na percepção da informação e desinformação. Ao analisar as práticas informacionais de requerentes de asilo, refugiados e imigrantes em processo de diáspora, a pesquisa observa como se constrói a relação de uso das tecnologias, considerando as conexões sociais digitais tecidas a partir da busca por informações relevantes no contexto (como informações em saúde e seguridade social), além da busca por inclusão sociocultural no país de acolhida.

Tal observação é igualmente partilhada nas produções de Lloyd (2014) ao estudar a experiência de pessoas refugiadas, que, recém-chegadas em um ambiente de informação em saúde desconhecido, sofrem com barreiras linguísticas e de alfabetização, o que gera uma tensão no momento em que precisam conciliar suas disposições habituais sobre saúde com as práticas de saúde do novo país. No momento em que precisam reconstruir a paisagem informacional que foi quebrada com a experiência de mudança, mesmo que estas pessoas tenham acesso aos dispositivos tecnológicos, muitas vezes elas “não têm formação e habilidades de alfabetização digital para navegar com competência e compreender a veracidade dos recursos da *Internet* e, muitas vezes sentem incerteza” (LLOYD, 2020).

Em estudo mais recente, Lloyd e Hicks (2021) se debruçam no contexto da pandemia em si e investiga as práticas informacionais de pessoas no Reino Unido, quando em transição do ambiente informacional habitual para o ambiente

de informação pandêmico recém-criado, assim como as maneiras pelas quais as práticas letramento informacional se configuraram enquanto mecanismo de salvaguarda coletiva à medida que os indivíduos mitigavam os riscos de saúde, financeiros e de bem-estar. As práticas informacionais nestes casos, quando bem aproveitadas pelos sujeitos conscientes de seus papéis na comunidade, têm o poder de gerar empoderamento e contribuem para a gestão de crises. Em relação à comunidade migrante, durante a pandemia do COVID-19, pode-se perceber estratégias adotadas por grupos neste sentido com reflexos positivos no desdobramento de toda a situação vivenciada. A rede solidária e demais estratégias informacionais empreendidas pela Plataforma Geni figuram como práticas que vão ao encontro das perspectivas supracitadas.

4.1 A resiliência informacional

Teóricos do campo das ciências sociais, comunicação e informação vêm empreendendo considerável esforço em traçar perspectivas teórico-metodológicas a fim de explorar o caráter construtivista das interações e das práticas em perspectiva com a crescente complexidade dos processos comunicativos que, com o passar do tempo, tensionam o pensamento social à superação da dicotomia objetivista/subjetivista das dinâmicas sociais (ARAÚJO, 2017).

Situando as práticas de letramento informacional no contexto de transição, a exemplo do contexto virtualizante do COVID-19, que acentuou processos pré-existentes de hipercirculação de informações e incerteza informacional, tais práticas assumiram "uma dinâmica situacional à medida que se vincularam ao caminho desconhecido. Ou seja, precisaram ser (re) construídas situacionalmente a partir de novas experiências informacionais" (BRASILEIRO, 2020, p. 4).

Quando expostas a eventos que provocam rupturas e geram desinformação, os indivíduos buscam se conectar com outros em circunstâncias similares na tentativa de amenizar uma situação informacionalmente instável. Isso se torna mais evidente em experiências de pessoas que deixaram suas bases de conhecimentos habituais para se ambientar num novo contexto cultural, a exemplo da comunidade migrante. Neste momento, as práticas informacionais colaborativas empreendidas têm papel decisivo no enfrentamento das incertezas à medida que propiciam a construção de redes sociais que, por sua vez, catalisam os fragmentos de informações, combinam habilidades e

competências limitadas, discutem e decidem sobre assuntos e formam um entendimento elementar dos saberes que moldam um novo contexto (LLOYD, 2020).

Contribuindo com essa perspectiva, o conceito de resiliência informacional se desenvolve dentro do campo da informação e comunicação a fim de analisar as estratégias situadas no processo de transição informacional de sujeitos que enfrentam situações significativas, pessoais e de saúde (CLEMENS; CUSHING, 2010). O conceito de resiliência informacional foi originalmente desenvolvido por Lloyd (2014; 2015) e, posteriormente, explorado por Brasileiro (2017) no contexto das redes de relações construídas no ambiente digital. O autor também acrescentou ao debate uma perspectiva socioemocional de modo a desenvolver uma relação entre emoções e redes colaborativas em contextos de ruptura do cenário de informação (BRASILEIRO, 2020).

Para Lloyd (2014, 2015), a resiliência informacional se desenvolve no âmbito das redes e relações sociais construídas situacionalmente nos espaços cotidianos envolvendo a colaboração entre os sujeitos, o que permite suprir as limitações quanto ao letramento informacional frente ao novo ambiente. Nesse sentido, ao analisar a resiliência informacional de um grupo de mulheres primíparas no espaço semi-público digital, Brasileiro (2017) demonstra, sob uma perspectiva socioemocional, as peculiaridades e dinâmicas que envolvem a construção dos laços sociais propícios para a resiliência informacional no contexto das redes sociais digitais. Como resultado, propõe o “Modelo de resiliência informacional em redes sociais virtuais”, baseado no modelo dos rituais de interação de Randall Collins (2004) e em sua expansão para o contexto das interações mediadas pelas tecnologias móveis feita por Richard Ling (2008). A nosso ver, o “modelo de resiliência informacional em redes sociais virtuais” explorado por Brasileiro (2017, 2019, 2020) desponta como um recurso para analisar empiricamente os processos de orientação, ajustamento e ressignificação (LLOYD, 2014) sob a ótica de uma lente analítica “ampliada”, isto é, uma abordagem capaz de captar o envolvimento dos elementos das microdinâmicas informacionais com os processos coletivos maiores e em rede que constituem o ambiente informacional.

Basicamente, o modelo envolve três eixos. O primeiro deles descreve o estado de incerteza informacional; o segundo é constituído pelos elementos de ordem emocional que fundamentam a estratégia informacional de enfrentamento coletivo em redes sociais; o terceiro articula os resultados da resiliência

informacional em redes sociais virtuais, no que tange o aprendizado, explorando o autogerenciamento de informações e a tomada de decisões. Neste artigo, considerando as limitações temporais e metodológicas, daremos ênfase aos dois primeiros eixos do modelo.

5 Método

O desenho metodológico da pesquisa está ancorado no estudo de caso (YIN, 2001) acerca da rede de mulheres brasileiras imigrantes em Portugal, conectadas por meio da Rede social *Instagram*⁴, voltada para o enfrentamento aos estigmas de gênero relacionados à condição de migração latina em território estrangeiro. A coleta de dados foi realizada por meio de roteiro de entrevista semiestruturada (BAUER; GASKELL, 2002) envolvendo 10 participantes da rede. O roteiro foi elaborado de acordo com os eixos temáticos do “modelo de resiliência informacional em redes sociais virtuais” (BRASILEIRO, 2017) adotado como abordagem da pesquisa. Devido ao contexto de isolamento decorrente da COVID-19, as entrevistas foram feitas remotamente por meio da plataforma *Zoom*.

O período de coleta de dados se refere aos meses de março a maio de 2020, período caracterizado pela primeira fase da pandemia, quando os primeiros decretos restritivos e os primeiros boletins médicos sobre a declaração de estado de Pandemia foram compartilhados. As entrevistas foram gravadas, transcritas, categorizadas e analisadas por meio da análise temática – uma das técnicas que compõem a Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977). Os resultados são apresentados a seguir.

6 Resultados

As categorias foram distribuídas em dois quadros: o primeiro se refere ao tema “estado de incerteza informacional”; o segundo se refere ao tema “estratégias informacionais de enfrentamento coletivo”. No Quadro 1, o estado de incerteza informacional foi analisado a partir das barreiras informacionais enfrentadas pelas mulheres participantes. Tais barreiras foram categorizadas da seguinte forma: 1) barreiras de rede; 2) barreiras emocionais; 3) barreiras diaspóricas; 4)

⁴ Instagram é uma rede social *online* criada em 2010 que dispõe de compartilhamento de fotos e vídeos entre seus usuários, permite a aplicação de filtros digitais e compartilhamento de conteúdo com outros de serviços de redes sociais.

barreiras de tradução; 5) barreiras de letramento; e 6) barreiras de interação. A seguir, ilustramos cada uma delas a partir dos depoimentos das entrevistadas.

Quadro 1 – Estado de incerteza informacional

Tema	Categorias	Subcategorias
1 – Estado de incerteza informacional	Barreiras de rede	Excesso de conexões fracas Restrição de conexões fortes
	Barreiras emocionais	Medo de confiar em informações equivocadas Medo de tomar decisões equivocadas Ansiedade frente ao excesso de informações Tristeza ao encontrar informações negativas Tristeza ao perder a autonomia informacional
	Barreiras diaspóricas	Excesso de informações advindas de estranhos Informações de realidades estranhas
	Barreiras de tradução	Informações científicas com linguagem técnica
	Barreiras de letramento	Incapacidade de avaliar criticamente as informações Falta de habilidade para comparar as informações Incapacidade de tomar decisão sobre as informações
	Barreiras de interação	Rituais de Face

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Dito isto, ilustramos a seguir cada uma destas barreiras a partir dos depoimentos das entrevistadas, tecendo apontamentos pertinentes ao objeto do presente estudo:

6.1 Barreiras de rede

Esta barreira refere-se à quantidade de laços sociais e conexões estabelecidas previamente pelo sujeito nas redes sociais virtuais que podem facilitar ou dificultar o acesso a informações relevantes (BRASILEIRO, 2020):

Fiquei presa na Europa pela pandemia e mil outras situações me aconteceram. Acabei de chegar em Portugal e não conheço ninguém, os amigos que iriam me receber aqui já não vão poder mais, preciso de um lugar, emprego e ajuda para ir me reerguendo. Pedi para entrar na rede na esperança de me conectar e saber se poderia contar com a rede de alguma forma (Entrevistada 9).

Neste caso, podemos observar que as mulheres imigrantes estavam circunstancialmente vivenciando uma situação em que, por um lado se

percebiam desprovidas de laços fortes (família, amigos, instituições referência da cultura nativa etc.) e por outro lado estavam expostas à restrição dos espaços cotidianos de convivência em decorrência da pandemia - espaços estes propícios ao encontro de novas referências e perspectivas informacionais, em especial no que toca à necessidade de acesso à informações em saúde (LLOYD, 2014).

6.2 Barreiras emocionais

Como desdobramentos deste panorama de restrições às conexões, as interações frustradas geram emoções transitórias de medo, angústia, raiva etc. e estas, vinculadas às incertezas informacionais, se configuram enquanto uma barreira à obtenção de informações importantes para o melhor processamento da situação vivenciada (BRASILEIRO, 2020):

Tive muitos sentimentos, de medo, solidão, saudade, medo de não ver a família, medo de passar doença para as pessoas, medo de perder o emprego, da falta de afeto e isso me afetou na capacidade de processar as informações, apesar de sempre buscar manter a calma, não ser precipitada, mas eu acho que reflete sim. A capacidade da gente de processar informações nesse período reduz muito, por que a gente está muito influenciada pelo meio, pelo excesso de informações, por todos os medos e todas as inseguranças que a gente tem diante de um momento como esse (Entrevistada 10).

Inseridas em um contexto profundamente crítico em saúde, em conjunto com a experiência prévia e instável de ser imigrante, essas mulheres conviveram, diariamente, com o medo de confiar em informações equivocadas; medo de tomar decisões que possam vir a prejudicar sua situação no país ou pôr em risco sua vida e de seus familiares; tristeza ao encontrar informações negativas. Outro ponto marcante observado nas interações das mulheres se refere à ansiedade e confusão em relação ao volume e variedade dos tipos de informação recebidas por elas, caracterizando a infodemia enquanto patologia informacional e seus aspectos em simultaneidade da informação e impossibilidades da informação (ARAÚJO, 2021).

6.3 Barreiras diaspóricas

Expostas a uma nova cultura e seus códigos, as pessoas que migram veem se construir em seus cotidianos uma dinâmica inédita, formando paisagens informacionais únicas e diferentes que precisam ser conciliadas com suas

experiências prévias de vida (LLOYD, 2020). Por outro lado, a experiência de passagem de um ambiente informacional familiar para um ambiente inédito e pouco familiar, seja na vida *offline* quanto na vida *online*, pode também representar uma barreira no acesso e na compreensão de informações relevantes:

A língua é diferente, então há toda uma dificuldade inicialmente de comunicação mesmo, até você entender os códigos, por que você “tá” lidando com outros códigos, até você perceber a forma como é o funcionamento da vida mesmo, da cidade, os informativos, o funcionamento da burocracia (Entrevistada 8).

Enquadramos no entendimento de barreira diaspórica a experiência instável dos sujeitos quanto tem contato com informações de realidades desconhecidas e que estão dispersas no ciberespaço, dentro de uma transição do contexto conforme Brasileiro (2019), que podem afetar a averiguação correta de uma informação importante. As dificuldades no acesso a informação, reforçam o sentimento de isolamento e podem incidir na autoestima e aumentar a sensação de desproteção das pessoas migrantes.

6.4 Barreiras de tradução

O acesso às informações em uma realidade fora do habitual traz consigo a necessidade da decodificação de termos desconhecidos que surgem, podendo este processo se desdobrar em uma barreira de tradução, diminuindo a sensação de confiança e credibilidade por parte de quem precisa de orientação:

[...] a língua é uma barreira, por que as pessoas dos centros de saúde não falam outras línguas [...] por que é justamente isso que é o problema, não adianta só você traduzir uma coisa, aquilo tem que fazer sentido pra ti como imigrante [...] quando você faz principalmente um trabalho principalmente de saúde, você tem que falar com a comunidade (imigrante) local, você tem que falar realmente com as pessoas que vão precisar daquele acesso, pensar em representatividade também (Entrevistada 7).

Brasileiro (2020) reflete que, ao buscar ou explorar ativamente a informação na ambiência digital, as pessoas experimentam emoções diversas frente às situações de incerteza que se traduzem em dificuldades para a tomada de decisões, estabelecer consenso entre as informações disseminadas, traduzir a informação científica, assegurar a adequabilidade das informações e encontrar informações relevantes. Nesse sentido, os migrantes se tornam mais vulneráveis a perceber uma informação equivocada ou que não faça sentido.

6.5 Barreiras de letramento

Segundo Brasileiro (2019), as barreiras de letramento “se referem às restrições de recursos ou disposições individuais e coletivas para determinar a extensão das fontes, acessar a informação de forma efetiva e eficiente e avaliar criticamente as informações e suas fontes”. Segundo Lloyd (2020), a falta de letramento pode ser reconhecida como a perda ou diminuição de conhecimentos e formas de saber em um tempo e espaço, período este que se marca pela necessidade de reconhecimento das possibilidades sociais, materiais e tecnológicas fornecidas pelo novo ambiente:

Também teve uma mulher que veio e falou: “chegou aí um cadastro x?”, eu olhei e disse assim: “chegou sim”. Daí ela disse: “ah, foi minha amiga, mas se mandar mensagem pra ela, ela não vai saber porque fui eu quem a inscrevi, ela não sabe fazer isso [...] uma das pessoas nós tivemos que ligar para pedir ajuda, pois ela não sabia usar a internet (Entrevistada 5).

No processo de confinamento coletivo, todas as interações e providências práticas da vida migraram para o ambiente virtual, exigindo das pessoas o desenvolvimento de habilidades de letramento e ocasionando barreiras aos que não detinham tais habilidades. As barreiras de letramento perpassam a trajetória de algumas mulheres que precisaram acessar políticas de assistências, dentre elas, a Rede Solidária. Logo, o excesso de informações virtuais somado às angústias e sobrecarga de não conseguirem processar com sucesso, repercutiu nas mulheres imigrantes em desorientação informacional.

6.6 Barreiras de interação

As barreiras de interação têm relação com o trabalho de face entre as pessoas em uma rede social virtual, onde geralmente as conexões se iniciam de modo efêmero. Os rituais de interação nessas redes muitas vezes conflitam com o objetivo de resolutividade informacional. Em contextos de vulnerabilidade em saúde, as práticas nas redes sociais virtuais tendem a ser mais cautelosas em um primeiro momento (BRASILEIRO, 2019). O fato do grupo ser composto por pessoas que nunca tiveram contato em outras oportunidades, pode também ter contribuído para a não interação em alguns momentos, por não haver confiança suficiente para a partilha da vida privada de cada uma em um primeiro momento. Outro fator observado nesta barreira se refere a dificuldade em se manter uma interação virtual com a mesma profundidade e entrega do que uma conversa presencial, dificultando a fluidez informacional em um primeiro momento.

“Acho que às vezes demora a ficha cair que precisamos ser amparados também [...] às vezes não é só vergonha, é resistência em perceber essa fragilidade” (Entrevistada 4).

Observando as variadas formas de representação das barreiras à informação, nos trechos relatados, podemos constatar que os sentimentos vivenciados a partir do contato com a complexidade do ambiente informacional emergente dentro de uma realidade não familiar e com o perigo de risco à vida tão próximo. Ainda que aparentemente de maneira momentânea, o não vislumbre concreto do fim da situação instaurada, recarrega o estado de incerteza informacional descrito por Brasileiro (2019).

Este contexto informacional complexo ilustra a experiência desinformada ao qual as mulheres estão expostas em sua vivência cotidiana no contexto migratório e de pandemia. Além das incertezas decorrentes das tensões vivenciadas, um outro aspecto se destaca na observação das interações na plataforma Geni. Corroborando com o entendimento de Ruokolainen e Widén (2019) sobre a importância de se ter um olhar mais positivo para a desinformação, no sentido que podem oportunizar a criação de saídas coletivas para problemas complexos, o contexto de desorientação ao qual as imigrantes estavam inseridas naquele estágio inicial da pandemia, impulsionam estas em direção a busca de estratégias que seguiram convertendo parte da desorientação em orientação informacional.

Desta maneira, percebendo o risco e buscando modos mais seguros de construir a transição informacional inevitável a qual estavam expostas, as mulheres empreenderam uma estratégia informacional de enfrentamento coletivo nas redes sociais virtuais (BRASILEIRO, 2019), criando a “rede solidária” da Plataforma Geni. Tal iniciativa foi o pontapé inicial para a construção da resiliência informacional. Na próxima seção, detalharemos elencando subcategorias a partir do modelo de resiliência informacional em redes sociais virtuais, e como se estruturaram tais estratégias.

Seguindo com o modelo de resiliência informacional em redes sociais virtuais (BRASILEIRO, 2019) para a investigação dos processos de orientação na construção de soluções agenciadas pelas mulheres frente ao referido contexto, no quadro 2, identificaremos os elementos que compõem empiricamente as estratégias de enfrentamento à desinformação e a construção da Resiliência Informacional pelas mulheres envolvidas na “Rede Solidária”.

Tais subcategorias são respectivamente 1) conexão coletiva; 2) Intencionalidade da informação/foco em comum; 3) Foco de atenção mútua; 4) humor compartilhado; 5) intensificação de feedbacks; 6) sentimento de solidariedade; 7) símbolos de pertencimento; 8) energia emocional, 9) sentimentos de moralidade e 10) símbolos de pertencimento. Podemos visualizar um quadro com todas as subcategorias, e em seguida abordaremos cada uma das estratégias a partir das falas e depoimentos das entrevistadas:

Quadro 2 - Estratégia informacional de enfrentamento coletivo na plataforma

Tema	Categorias	Subcategorias
2 - Estratégia informacional colaborativa em redes digitais	Conexão coletiva	Direcionamento da consciência para a construção da informação colaborativa Participação de mediadores formais Participação de mediadores informais Participação de mediadores contingenciais
	Intencionalidade da informação em comum	Encontro de informações sobre serviços de seguridade social e trabalhista Contribuição com o bem-estar socioemocional das integrantes da rede Transliteração das informações Letramento informacional
	Foco de atenção mútua	Percepção de que os outros têm o mesmo foco de si
	Humor compartilhado	Sentimento de acolhimento por parte das pessoas
	Intensificação de <i>feedbacks</i>	Interação síncrona entre as fontes de informação
	Sentimento solidariedade	Compromisso permanente em auxiliar uma integrante que necessite de apoio
	Energia emocional	Emoções compartilhadas que unem o compromisso Sensação de autoconfiança, motivação, entusiasmo
	Símbolos de pertencimento	Valores agregados percebidos e artefatos físicos e/ou virtuais compartilhados pelo coletivo

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Dando sequência, abordaremos cada uma das estratégias supracitadas a partir das falas e depoimentos das entrevistadas, fazendo as interlocuções pertinentes ao propósito deste estudo:

6.7 Conexão coletiva

Esta estratégia ocorre quando as pessoas que vivenciam o estado de incerteza informacional se deslocam para as redes sociais digitais em busca de conexões com outras pessoas no intuito de acessar informações que possam ser relevantes para o momento. Segundo Brasileiro (2020), a experimentação

situacional desse estado (incerteza informacional) pode deslocar os sujeitos à conexão coletiva, ao direcionar o estado de consciência para a informação colaborativa (saberes construídos em colaboração digital).

“A gente” tem feito assim, elas preencheram o formulário e informaram quais eram as necessidades principais, “ah eu estou a precisar de emprego, precisar de comida, eu estou a precisar de apoio à saúde mental e tudo mais”, com base nisso a Plataforma Geni entrava em contato com essas mulheres e oferecia o apoio, só que isso veio de forma voluntária, elas entram na plataforma e solicitam esse apoio, o apoio da rede solidária (Entrevistada 2).

Como visto, as mulheres se abriram à possibilidade de construção de conhecimento e encontram nas redes digitais pessoas com vivências semelhantes e que estavam direcionadas às mesmas buscas. Na construção desta rede de informações, as figuras dos mediadores também são fundamentais para a construção de novas perspectivas informacionais, conforme entendimento de Lloyd (2014), sendo estas, mediadoras formais (mulheres gestoras da plataforma Geni); mediadoras informais (mulheres usuárias da rede solidária que, uma vez dentro também direcionaram sua consciência para a cooperação); e mediadores contingenciais (pessoas que não tinham vínculo com a rede solidária nem com a plataforma Geni, mas que contribuíram divulgando a iniciativa, e indicando pessoas em grupos virtuais de diferentes localidades de Portugal).

6.8 Intencionalidade da informação em comum

Para que a conexão coletiva e o encontro com informações se estabeleça de modo efetivo, é importante que haja o reconhecimento por parte dos indivíduos da intencionalidade da informação em comum, a prática de uma consciência coletivista do pensamento, em detrimento das intenções individualistas, ou seja, uma orientação pró-social (BRASILEIRO, 2019). O cuidado acerca de como as informações devem fluir na rede de modo que beneficiem a todos, ou a preocupação com a preservação e segurança das informações pessoais dos componentes na rede também faz parte desta intencionalidade.

A gente tem que ter sempre certeza pra passar alguma informação pra gente não tá caindo nessas de desinformar e sim de informar, num primeiro momento o que a gente colocou de regras é isso, que o grupo tinha que ser especificamente para tratar de assuntos da rede solidária, então poderia mandar todos os links lá mas desde que fosse com relação à isso de prestação de covid-19 de como ajudar as pessoas e olhar de onde essas informações vem (Entrevistada 8).

Os depoimentos nos mostram que, ao se defrontarem com a situação de impossibilidade de resolução das situações emergentes de maneira convencional, pessoas que dispunham de uma rede de conexões mais ampla no âmbito virtual, tomaram a iniciativa de ajudar as pessoas que não tinham a mesma estrutura e que estavam sofrendo mais duramente os impactos do distanciamento social. Pudemos perceber que essas pessoas se distribuíram enquanto mediadores informacionais (LLOYD, 2014) que tomavam para si o protagonismo e a intenção de prover informação acurada e assertiva para a resolutividade das questões emergentes nas interações.

6.9 Focos de atenção mútua

O foco mútuo pode ser considerado uma condição à colaboração diante do contexto emergente, que pode ser aproveitada na operacionalização de práticas de informação “projetadas para mitigar riscos de saúde, jurídicos, financeiros e de bem-estar produzidos pela pandemia” (LLOYD, 2021). Já o retorno obtido por esta interação pode se configurar de diversas maneiras, seja este um retorno material, informativo ou afetivo:

E as redes sociais, e isso que a gente tá fazendo aqui (rede solidária) foi o que me deu forças, eu comecei a conversar até com amigas minhas que estão na mesma situação em outros países, uma amiga que tá em Londres, uma amiga que está na Bélgica...e a gente começou a dar forças uma pra outra e nosso contato se estreitou então “como você está?” “Tá tudo bem aí?”, “manda uma mensagem?”, “eu tô aqui”. Porque a gente tá vivendo uma vida meio atomizada né, cada um no seu quadrado, mas a tecnologia juntou a gente (Entrevistada 7).

Com base no relato podemos identificar o foco de atenção mútua na atitude das integrantes ao perceberem que havia um retorno da atenção dispensada por elas na rede. Percebemos também que o direcionamento deste foco acompanha as necessidades momentâneas da fase pandêmica na qual se encontravam. Este entendimento vai ao encontro das informações trazidas pelos estudos empreendidos por Lloyd (2021) e pelo relatório das migrações e mobilidade em 2020 (ORGANIZAÇÃO..., 2021) que tratam da caracterização das distintas fases do processo de adaptação ao cotidiano após o surto do novo coronavírus e que mediam a compreensão sobre risco e atividades em informação durante a transição (LLOYD, 2021).

6.10 Humor compartilhado

À medida que os laços vão se estreitando dentro do espaço das redes de conexões criadas, a tendência é que as componentes da rede se sintam cada vez mais à vontade para partilhar seus sentimentos e humores, orientando um comportamento de interação acolhedor (BRASILEIRO, 2019). O humor compartilhado recarrega então sentimentos de entusiasmo e esperança, necessários para a manutenção da firmeza diante das adversidades:

[...] essa “coisa” que eu tava sentindo elas também estavam sentindo [...] e aí mais de uma vez houve essa troca de experiência falando da Covid 19, o novo normal, como a pandemia afeta as mulheres e o mercado de trabalho, o que vai acontecer e eu sentia a necessidade de manter esse tema por que elas queriam falar, elas queriam contar a experiência delas, não para quem tava em casa, mas pra quem tava de fora (Entrevistada 10).

Outrossim, a troca mútua passa a servir tanto como uma fonte de informações confiáveis, suporte material, quanto como um local virtual de escape das tensões e acolhimento continuado ao longo dos dias em seus cotidianos. Tal interação animou as mulheres a preservarem o espaço de troca e a indicarem o mesmo para outras imigrantes que se encontravam vivenciando as barreiras informacionais.

6.11 Intensificação de feedbacks

Segundo Brasileiro (2020) a intensificação de feedbacks “tem a ver com a sincronização das interações entre as participantes na interface digital de maneira a ampliar o foco de atenção mútua e o humor compartilhado”. Tal interação se torna responsável por apreender a atenção e as emoções das pessoas envolvidas em uma rede:

[...] eu acho que as mulheres precisam ter essa rede de apoio, de se sentir parte, de ter essa rede de apoio eu acho muito importante, antes eu já sentia quando vim pra cá e pensava em participar de coletivos assim e agora acho ainda mais importante, acho que é uma rede fundamental por que ela se comunica muito rápido e toma decisões muito rápido e em conjunto, passa informações muito rápido e com eficiência, abastece a gente (Entrevistada 9).

Catalisadas pelo de foco de atenção mútua e humor compartilhado, a intensificação de feedbacks acelera as interações benéficas para o ajuste e ressignificação da situação informacional que se encontravam as imigrantes. Este retorno de modo mais intenso foi importante para gerar sentimentos de

confiança em utilizar a rede de informações, quanto a se reconhecerem também enquanto mediadoras junto às novas membras que entraram posteriormente, dando início a um processo de protagonismo informacional orientados para o combate a desinformação.

6.12 Sentimentos de solidariedade

Os sentimentos de solidariedade surgem quando as pessoas se sentem confiantes a ponto de se sentirem empoderadas do espaço que estão ocupando e incorporarem nas suas práticas informacionais um papel de protagonismo, seja este situacional ou de longo prazo, intermediando as informações, a partir da percepção que o outro pode estar precisando de ajuda (BRASILEIRO, 2019):

O que a gente pode fazer pra ajudar essas mulheres? Aí entra o coletivo de mulheres que têm consciência sobre essas problemáticas e querem ajudar de alguma forma [...] e hoje o coletivo é algo voluntário só com força de vontade e luta, nada além disso, cada uma fazendo seu trabalho, se organizando e gerando conteúdo. "Pra" que no caso consiga se expandir "pra" mais mulheres, e mais mulheres que hoje estão dentro de casa tomem consciência disso (Entrevistada 2).

Vale salientar que a intensidade desses sentimentos pode variar de acordo com o grau de envolvimento/ dedicação do indivíduo com o grupo. Em se tratando de um período que exigiu bastante cooperação entre as pessoas, tal sentimento se revelou muito benéfico no auxílio da autogestão informacional das mulheres da rede solidária, ainda que no contexto de distanciamento, o suporte se mostrou eficaz, trazendo sentimentos de confiança e autonomia.

6.13 Energia emocional

Todas as interações decorrentes das estratégias, quando positivas, geram sentimentos compartilhados que vão recarregar a Energia emocional (COLLINS, 2004) no grupo e que, por sua vez, se refletirá nas práticas em nível individual de cada um. Tal energia, quando positiva, potencializa sentimentos de confiança, entusiasmo e iniciativa, contagiando as demais pessoas que ainda precisam se sentir motivadas.

Eu acho que no início existia muito medo, angústia, desespero dependendo da situação. E aí, a partir do momento que chegamos dentro de um grupo que nos acolheu, informou, o sentimento é de gratidão por existirem pessoas assim, mesmo em cidades diferentes, mas sendo pessoas tão próximas quando as pessoas próximas nós achávamos que estavam apenas no Brasil. Mesmo que seja online, isso fez muita diferença na vida (Entrevistada 1).

A alta energia emocional é importante para a ressignificação do momento vivenciado, reforça os fatores de resiliência e baliza os critérios de concretização das intenções informacionais, além de impulsionar a tomada de decisão sobre as situações que emergem no grupo e no cotidiano de cada um. Tais interações, portanto, evidenciam a constatação da transformação dos laços fracos iniciais da rede em laços fortes (BRASILEIRO, 2019). Esta energia compartilhada se configura como um retorno subjetivo das práticas empreendidas que sedimentam as aquisições de habilidades, competências necessárias à ressignificação da situação vivida.

6.14 Símbolos de pertencimento

São considerados símbolos de pertencimento as representações simbólicas - construídas nas interações envolvendo as práticas informacionais - que um grupo tem para com seus participantes, e que carregam significados sociais positivos (BRASILEIRO, 2019). Estes símbolos podem se manifestar em forma de sentimentos, aspirações conjuntas, pautas sociais, imagens, objetos:

[...] a internet é um ambiente de militância, onde você se organiza na internet para ir para o mundo real (...) eu sei que tem desinformação, tem fake news e a gente tem que combater. Espaços como esse da Plataforma Geni é informação verificada, é informação com conteúdo para que as pessoas se sintam informadas e protegidas e que sejam capacitadas para lutar contra as opressões, a intenção é essa, não é informar por informar (Entrevistada 4).

Podemos dizer que estes símbolos são a cristalização dos processos de catalização das estratégias anteriormente exploradas. A curadoria de informações, enquanto símbolo percebido, tem relação com a noção de credibilidade e seriedade no trabalho da plataforma, assim como a noção de respeito às diferenças de posicionamento e trajetórias de vida, dentro de uma convivência saudável e condizente com os princípios de boas práticas informacionais na rede. Tal posicionamento se reflete em confiabilidade que combate a desinformação percebida.

6.15 Sentimentos de moralidade

As práticas em grupo que são coletivamente construídas e percebidas como aceitáveis ou reprováveis no decorrer das interações dentro de um contexto, segundo a perspectiva de Collins (2004) são fundamentadas nos sentimentos de moralidade no decorrer do processo de interação ritual. A partir do sentimento e

da Energia emocional gerados, após compartilhamentos de informações, os indivíduos de uma rede começam a negociar tais referenciais de práticas informacionais estabelecendo seus limites:

A gente tem que tomar muito cuidado por que a gente tá mexendo no afetivo [...] ao invés de chegar e falar, "tá errado", você fala "por que você compartilhou isso, de onde veio essa informação, você confia nessa fonte?" [...] se a gente trouxer um pouco essa coisa do fact checking. Isso (desinformação) iria minimizar um pouco. Antes de compartilhar é ter calma, é menos emoção e mais razão (Entrevistada 10).

Na rede solidária, um valor forte que foi absorvido pelas demais integrantes do grupo, se refere a na detecção da ocorrência de discursos desinformativos com desinformação e advertência à membra que compartilhou. Essa prática incorpora os princípios do *fact checking*, conhecimento que, sendo aproveitado de maneira adequada, oferece uma oportunidade para a introdução de debates sobre letramento informacional entre as membras da rede. Os sentimentos de moralidade podem fortalecer a unidade discursiva do grupo, demonstrando a ambivalência da informação e suas consequências.

Diante do exposto, no que tange às barreiras e estratégia que compõem o processo de resiliência informacional, percebemos que o processo de orientação, ajuste e ressignificação das disposições informacionais de cada uma conseguiu converter a experiência desinformada e estressante, em um contexto de risco em um momento de bom aproveitamento da transição informacional. As sucessões de experiências informacionais e emocionais positivas gerou resolutividade, diante do objetivo inicial e a consciência coletiva direcionada para o bem comum orientou o entendimento coletivo do grupo a respeito das configurações socioculturais da informação, construindo relações de compromisso ético necessárias às práticas informacionais colaborativas tecnomediadas (BRASILEIRO, 2019).

7 Considerações finais

O presente artigo buscou refletir acerca das questões contemporâneas e latentes do nosso cotidiano infodêmico. A partir do entrelaçamento dos temas Migração, Desinformação e Práticas Informacionais, analisados sob o prisma do modelo de Resiliência Informacional em redes sociais virtuais (BRASILEIRO, 2017), buscamos entender como a comunidade de mulheres imigrantes enfrentou os processos de exposição às incertezas informacionais promovidas pela infodemia da COVID-19.

Em um primeiro momento, percebeu-se que as mulheres imigrantes experimentaram a desinformação em suas variadas configurações, vivenciando um estado de incerteza informacional a partir do encontro com barreiras informacionais que acarretaram sentimentos de medo, solidão que impactaram diretamente a percepção das informações e a tomada de decisão. No segundo momento, a emergência da situação direcionou o coletivo de mulheres imigrantes Plataforma Geni a transformar o sentido do momento de trauma coletivo em protagonismo social e informacional, trabalhando com o objetivo de catalizar e apoiar pessoas vulnerabilidade. Com isso montaram uma rede solidária e objetivamente se estabeleceu um mecanismo de resiliência informacional ajustamento e ressignificação coletiva do momento entre as componentes do grupo, o que contribuiu efetivamente na recomposição das paisagens informacionais, criando perspectivas informacionais seguras, agregando acolhimento e orientação, mediados via dispositivos móveis.

O estudo se mostrou relevante por contribuir com um caminho promissor na observância de práticas informacionais situacionais autogeridas colaborativamente, que funcionam como estratégia possível em tempos de desorientação informacional. Igualmente, o estudo evidenciou o modelo teórico-metodológico da resiliência informacional enquanto recurso adequado e empiricamente aplicável no estudo do combate às múltiplas faces do fenômeno da desinformação, sublinhando-o como um contributo para os debates acadêmicos acerca do contexto de transição informacional que vivemos.

Por fim, o estudo abre um caminho que sugere mais estudos a posteriori, com vistas a observar os desdobramentos do acolhimento informacional empreendido e o impacto das demais articulações políticas e informacionais da Plataforma Geni no período pós confinamento e de retomada gradual das rotinas das mulheres imigrantes, bem como entender de que maneiras as reivindicações pautadas pelo grupo estão sendo absorvidas pelos organismos competentes de Estado, no que se refere as políticas de assistência migratória.

Referências

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. O que são “Práticas Informacionais”? **Informação em Pauta**, Fortaleza, v. 2, n. esp. p. 217-236, out. 2017. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/informacaoempauta/article/view/20655>. Acesso em: 12 abr. 2022.

ARAÚJO, Eliany Alvarenga de. **Construção social da informação**: práticas informacionais no contexto de Organizações Não-Governamentais/ONGs brasileiras. 1998. Tese (Doutorado em

Ciência da Informação) – Universidade de Brasília, Brasília, 1998. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/34342?mode=full>. Acesso em: 6 mar. 2021.

ARAÚJO, Eliany Alvarenga de. Práticas informacionais em ambientes de infodemias: Reflexões para o estudo de patologias informacionais. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. [13], maio 2021. Disponível em: <http://revista.ibict.br/liinc/article/view/5700>. Acesso em: 1 abr. 2022.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George (ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.

BRASILEIRO, Fellipe Sá. **Resiliência informacional: modelo baseado em práticas informacionais colaborativas em redes sociais virtuais**. 2017. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/9710?locale=pt_BR. Acesso em: 1 abr. 2022.

BRASILEIRO, Fellipe Sá. **Resiliência informacional em redes sociais virtuais: praticas colaborativas, emoções e mobilidade**. João Pessoa: Editora UFPB, 2019. *E-book*. Disponível em: <http://www.editora.ufpb.br/sistema/press5/index.php/UFPB/catalog/view/586/605/3111-1>. Acesso em: 1 abr. 2022.

BRASILEIRO, Fellipe Sá. Emoções e redes colaborativas na resiliência informacional. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. [16], dez. 2020. Disponível em: <http://revista.ibict.br/liinc/article/view/5309>. Acesso em: 1 abr. 2022.

BRASILEIRO, Fellipe Sá. ALMEIDA, Margarida Maria Pisco. Barreiras à informação em saúde nas mídias sociais. **Rev. Dig. Bibliotec e Ci. Info**, Campinas, v.19, p. [21], 2021. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/8667199/27644>. Acesso em: 1 abr. 2022.

CLEMENS, Rachael Green; CUSHING, Amber L. Beyond everyday life: Information seeking behavior in deeply meaningful and profoundly personal contexts. **Asis&t**, [s. l.], v. 47, v. 1, p. 1-10, fev. 2010. Disponível em: <https://asistdl.onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/meet.14504701228>. Acesso em: 1 abr. 2022.

COLLINS, Randall. **Interaction Ritual Chains**. Princeton University Press: Princeton, 2004. *E-book*. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/book/36737>. Acesso em: 1 abr. 2022.

COSTA, Ana Paula; SCHIFF, Hannah, VIEIRA, Maria Carolina. **Rede solidária Plataforma Geni: Relatório de confinamento**. [S. l.]: Plataforma Geni, 2021. Disponível em: <https://plataformageni.files.wordpress.com/2021/05/relatorio-confinamento-geni.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2022.

DUARTE, Adriana Bogliolo Sirihal. Práticas informacionais: ensino e pesquisa *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 18., 2017, Marília. **Anais [...]**. Marília: UNESP, 2017. Disponível em:

http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/XVIII_ENANCIB/ENANCIB/paper/view/120/1210.

Acesso em: 12 abr. 2022.

ESCUADERO, Camila. O protagonismo de mulheres imigrantes na construção de redes sociais para o fortalecimento identitário: o caso das Brasileiras em Chicago (EUA). **REMHU: Rev. Interdiscip. Mobil. Hum**, v. 24, n. 48, set./dez. 2016. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/remhu/a/hWfyhzbG8vHZh8fJYDYZHqD/abstract/?lang=pt>. Acesso

em: 12 abr. 2022.

KARLOVA, Natascha A.; FISHER, Karen E. A social diffusion model of misinformation and disinformation for understanding human information behavior. **Information Research**, [s. l.], v. 18, n. 1, p. [12], mar. 2013. Disponível em: <http://informationr.net/ir/18-1/paper573.html#YkcXoejMLIU>. Acesso em: 1 abr. 2022.

LEWANDOWSKY, Stephan *et al.* Misinformation and its correction: continued influence and successful debiasing. **Psychol. Sci. Public Interest**, [s. l.], v. 13, n. 3, p. 106-131, set. 2012. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1529100612451018>. Acesso em: 1 abr. 2022.

LING, Richard S. The mediation of ritual interaction via the mobile telephone. *In: KATZ, James E. (ed.). Handbook of Mobile Communication*. MIT Press: Cambridge, 2008. *E-book*. Disponível em:

<https://mitpress.universitypressscholarship.com/view/10.7551/mitpress/9780262113120.001.0001/upso-9780262113120-chapter-13>. Acesso em: 1 abr. 2022.

LLOYD, Annemaree. Framing information literacy as information practice: site ontology and practice theory. **Journal of Documentation**, v. 66, n. 2, p. 245-258, 2010.

LLOYD, Annemaree. Building Information Resilience: How do Resettling Refugees Connect with Health Information in Regional Landscapes – Implications for Health Literacy. **Australian Academic & Research Libraries**, [s. l.], v. 45, n. 1, p. 48-66, mar. 2014. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/00048623.2014.884916>. Acesso em: 1 abr. 2022.

LLOYD, Annemaree. Stranger in a strange land: enabling information resilience in resettlement landscapes. **Journal of Documentation**, [s. l.], v. 71, n. 5, p. 1029-1042, set. 2015. Disponível: <https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/JD-04-2014-0065/full/html>. Acesso em: 1 abr. 2022.

LLOYD, Annemaree. Shaping the contours of fractured landscapes: Extending the layering of an information perspective on refugee resettlement. **Information Processing and Management**, [s. l.], v. 57, n. 3, p. [13], maio 2020. Disponível em:

<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0306457318309038?via%3Dihub>. Acesso em: 1 abr. 2022.

LLOYD, Annemaree; HICKS, Alison. Contextualising risk: the unfolding information work and practices of people during the COVID-19 pandemic. **Journal of Documentation**, [s. l.], v. 77, n. 5, p. 1052-1072, ago. 2021. Disponível em: <https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/JD-11-2020-0203/full/html>. Acesso em: 1 abr. 2022.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE. **Entenda a infodemia e a luta contra o COVID-19**. Washington: OPAS, 2020. *E-book*. Disponível em: https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52054/Factsheet-Infodemic_por.pdf?sequence=14. Acesso em: 7 set. 2020.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA AS MIGRAÇÕES (OIM). **Relatório mundial sobre migrações de 2020**. Genebra: Organização Internacional para as Migrações, 2021.

PEREIRA, Eliete da Silva. E-Diáspora Cabila: notas sobre a migração conectada contemporânea. **Libero**, [s. l.], n. 44, p. 93-108, jul./dez. 2019. Disponível em: <https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/1080>. Acesso em: 1 abr. 2022.

RUKOLAINEN, Hilda; WIDÉN, Gunilda. Conceptualising misinformation in the context of asylum seekers. **Information Processing and Management**, [s. l.], v. 57, n. 3, p. [14], maio 2019. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S030645731831080X#:~:text=We%20identify%20different%20types%20of,expectations%2C%20rumours%20and%20distorted%20information>. Acesso em: 1 abr. 2022.

WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Hossein. **Information disorder: toward an interdisciplinary framework for research and policymaking**. Europe: Council of Europe, 2017. Disponível em: <https://firstdraftnews.org:443/coe-report/>. Acesso em: 15 maio 2020.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

Sobre a autoria

Geysianne Felipe do Nascimento

Doutoranda em Ciência da Informação e Mestra em Comunicação e Culturas Midiáticas, pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Aperfeiçoamento em Tecnologias Digitais na Educação, Ensino Híbrido e Inovação Tecnológica, pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Graduada em Comunicação Social, pela UFPB.

geysiannefelipe11@gmail.com

Fellipe Sá Brasileiro

Doutor e Mestre em Ciência da Informação, pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Pós-Doutor em Informação e Comunicação em Plataformas Digitais pela Universidade de Aveiro (UA). MBA em Marketing, pela Fundação Getúlio Vargas (FGV). Graduação em Comunicação Social, pela UFPB. Docente do Departamento de Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPB. Co-Líder do Grupo de Estudo e Pesquisa em Sociologia, Comunicação e Informação (GEPSCI/UFPB/CNPq). Membro do Grupo de Estudos em Comunicação, Redes e Políticas de Informação (UFRJ/CNPq). Colaborador do Grupo de Pesquisa em eHealth and Wellbeing do DigiMedia, da UA.

fellipesa@hotmail.com

Artigo submetido em: 16 fev. 2022.

Aceito em: 28 mar. 2022.



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição-NãoComercial-Compartilhalgal 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/).

UFCA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CARIRI

Centro de Ciências Sociais Aplicadas
Mestrado Profissional em Biblioteconomia
Revista Folha de Rosto



✉ folhaderosto@ufca.edu.br

📷 [@revistafolhaderosto](https://www.instagram.com/revistafolhaderosto)

🐦 [@revfolhaderosto](https://twitter.com/revfolhaderosto)

Este periódico é uma publicação do [Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal do Cariri](#) em formato digital e periodicidade quadrimestral.